

O Dia Nacional do Escritor de 2018

A arte e o enfrentamento das quizilas

Discurso proferido em 25 de julho de 2018, por ocasião dos festejos comemorativos do Dia Nacional do Escritor, na Casa Rosada da Rua Santana, sede da União Brasileira de Escritores.

Alexandre Santos*

Minhas senhoras e meus senhores,

Declaro aberta a festa que, anualmente, a União Brasileira de Escritores realiza para comemorar o Dia Nacional do Escritor, o dia consagrado pela lei brasileira aos artistas e cientistas da palavra.

Este ano, como acontece regularmente, a UBE vai aproveitar a ocasião para dirigir mensagens à sociedade e, com esta perspectiva, além de cumprir o rito tradicional, dará plataforma para lançamento da coletânea 'UBE - 60 anos' e também reunirá a confraria da Ordem do Mérito Literário Jorge de Albuquerque Coelho para admitir novos comendadores.

Assim como nos anos anteriores, a edição 2018 da comemoração do Dia Nacional do Escritor será uma festa belíssima, plena de sinais e de significados.

Minhas senhoras e meus senhores,

O primeiro dos sinais dirigidos à sociedade nesta festa vem com o lançamento de um livro.

De fato, ao dar plataforma para o lançamento da Coletânea 'UBE 60 anos', além de contribuir para marcar o 60º aniversário da entidade, a festa nacional do livro e da leitura joga luz sobre um dos principais momentos da vida do escritor. Aliás, como sabemos, entre as etapas cumpridas pelos escritores - na sequência da produção dos textos, contratação e publicação dos livros e, evidentemente, antes da distribuição, divulgação e administração do processo de vendas -, se destaca o Lançamento [do livro] - um episódio-vitrine no qual [os escritores] reúnem amigos e admiradores para apresentar sua obra e realizar vendas, constituindo um dos momentos mais gloriosos da carreira literária.

Assim, qualificando ainda mais a programação comemorativa do seu sexagésimo aniversário [da entidade], a União Brasileira de Escritores aproveita o Dia Nacional do Escritor para auspiciar o lançamento da coletânea 'UBE - 60 anos', uma publicação que, de forma direta ou indireta, traduz a inquietação daqueles que, atualmente, embalam a arte literária da nossa terra. Sendo, portanto, um documento histórico.

Com efeito, ao apresentar textos da cepa de escritores contemporâneos de uma época especialíssima da vida social,

política, econômica e cultural do País, o livro 'UBE 60 anos' - publicação que se insere e amplia a programação editorial cumprida no período comemorativo do Sexagésimo Aniversário da União Brasileira de Escritores - constitui uma peça artística cuja importância transcende os limites normalmente associados às coletâneas, principalmente porque contribui para compor um mosaico representativo da cena literária que emoldura o dia-dia do nosso País e do nosso Povo.

Nesta perspectiva, a União Brasileira de Escritores festeja a publicação e recomenda a leitura de 'UBE 60 anos' - uma coletânea organizada pelo poeta Rogério Generoso, aberta com primorosa capa concebida pelo acadêmico Melchíades Montenegro e prefaciada por mim próprio, na condição de presidente da UBE, e participação dos escritores

Alexandre Santos

Antonia Campos

Ariadne Quintela

Bernadete Bruto

Fernando Tavares

Geraldo Ferraz

Sineide Gemir

Ivanilde Morais de Gusmao

Zélia Prímola
Eugênia Menezes
Melchíades Montenegro
Genicleide Lima
Paulo de Melo
Riverdes Falcão
José Bezerra de Lemos
Luiz Carlos Dias
Marcos de Andrade Filho
Natanael de Vasconcelos
Edson Mendes
Natanael Mendonça
Manoel Hélio Monteiro
Alberto Valença
Socorro Costa
Leda Santos
Madalena Castro.

Um time de primeiríssima qualidade, cujo talento retrata, em largas pinceladas, um panorama da escrita atualmente praticada no País.

Não foi à toa, portanto, que a União Brasileira de Escritores incluiu o lançamento da coletânea 'UBE 60 anos' na programação da festa comemorativa da edição 2018 do Dia Nacional do Escritor, recomendando a sua leitura.

Minhas senhoras e meus senhores,

Ainda no âmbito da festa comemorativa do Dia Nacional do Escritor, a União Brasileira de Escritores vai reunir a congregação da Ordem do Mérito Literário Jorge de Albuquerque Coelho para admissão do escritor Edir Meirelles em seu seleto quadro de comendadores - uma confraria que já acolhe nomes da grandeza de Ariano Suassuna, Marcus Accioly, Fátima Quintas, Gilvan Lemos, Gilberto Freyre, Ana Maria Cesar, Frederico Pernambucano de Melo, Waldênio Porto, Olímpio Bonald Neto, Lúcio Ferreira, Ney Perracinni, Raimundo Carrero, Alexandre Santos, Melchíades Montenegro, Leonardo Dantas, Edson Nery da Fonseca [e, agora, admite Edir Meirelles].

Este é um episódio especialíssimo, pois, ao admitir novos comendadores na Ordem do Mérito Literário Jorge de Albuquerque Coelho, a União Brasileira de Escritores amplia o mostruário daquilo que, no entender da entidade, representa a mais refinada expressão da arte de escrever na contempo-

raneidade do País, incorporando novos fragmentos ao grande caleidoscópio formado por artistas da palavra que, atuando nas diversas expressões literárias e [nos diversos] rincões do País, salpicam e impregnam a literatura brasileira com as essências e efluências mais representativas do melhor da cultura nacional.

Hoje, a Ordem [Literária Jorge de Albuquerque Coelho] vai ganhar novo vigor com o ingresso de Edir Meirelles.

O romancista, contista, poeta e ensaísta Edir Meirelles é um homem de história consistente. Nascido em Goiás e radicado no Rio de Janeiro, na mais tenra idade, Edir foi vaqueiro e lavrador antes de ingressar nas Forças Armadas, onde cumpriu carreira militar até 1964, quando foi cassado e excluído. Há males que vêm para o bem. Edir Meirelles, então, refugiou-se na cidade do Rio de Janeiro, onde completou o curso de Direito na UERJ e, ao tempo que lutava pela redemocratização do País, deu vazão ao talento literário que carrega desde sempre. Desde então, produziu verdadeiras obras primas como os poemários 'Poemas Contaminados', 'Poemas Telúricos' e '50 Poemas selecionados', os livros de contos 'Paixão na Lapa e outras histórias' e 'O velho Januário', os romances 'O feiticeiro da Vila', 'Madeira de dar em doido' e 'No Vale do Gengibril' e, ainda a coletânea de ensaios 'Gi-

gantes da Literatura e novos valores' e a coletânea de textos e iconografia 'Fotos, estórias e sonhos'. O talento aliado à liderança levou Edir Meirelles a engajar-se em muitas entidades e agremiações, entre as quais à União Brasileira de Escritores, que presidiu no período entre os anos 2007 e 2011, ao Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro, que presidiu entre os anos 2001 e 2004, à Associação Brasileira de Imprensa, ao PEN Clube do Brasil, à Academia Guanabarina de Letras, à Academia Carioca de Letras; à Academia Luso-Brasileira de Letras e à Academia Piresina de Letras e Artes.

Seja muito bem vindo à nossa Ordem do Mérito Literário
Jorge de Albuquerque Coelho.

Minhas senhoras e meus senhores,

Assim como nos últimos anos, a atual edição do Dia Nacional do Escritor encontra o País às voltas com grandes padecimentos e incertezas. Evidentemente, 2018 não tem a exclusividade das agruras que, de uma forma ou de outra, sempre fustiga o Brasil. Na realidade, cada quadra da história [do País] tem as suas próprias luzes, trevas, ameaças e possibilidades.

Aliás, desde 1958, há exatos 60 anos, quando foi criado pelo presidente Juscelino Kubistchek para homenagear os artistas da palavra, o Dia Nacional do Escritor vem encontrando o País imerso em águas turvas, mais ou menos sujas em função da forma como, na ocasião, as classes dominantes se aplicam para açambarcar as preciosidades que lhes interessam e [de acordo com] o nível de desrespeito que [as classes dominantes] dedicam à democracia. De toda a sorte, independentemente do grau e do tipo de turbidez da conjuntura, o Dia Nacional do Escritor é e sempre será testemunha de momentos imperfeitos, que requerem melhorias e aperfeiçoamentos - seja função do santo inconformismo que empurra os avanços, seja função da reação às contramarchas reacionárias embutidas nos ciclos conservadores.

Não vou falar do atual momento vivido pelo País. Deste [momento], nos fala com eloquência a realidade do dia-a-dia, que, sem subterfúgios, mostra a degradação de indicadores sociais, o retorno da fome, do desabrigo e de doenças que julgávamos erradicadas, a crescente violência das ruas, o aumento da pobreza, do sofrimento e das razões de pranto. Se eu tivesse tempo, falaria sobre o futuro, [falaria] sobre as escolhas que poderiam levar o Brasil e o mundo ao Nirvana ou, em contraponto detestável, à barbárie, [falaria] sobre so-

nhos de um mundo pleno de Paz e de amor, sem guerras de conquista ou de sobrevivência, de pessoas alegres, realizadas e satisfeitas em suas necessidades de sobrevivência.

Não. Neste momento, não vou falar sobre futuro ou sobre sonhos. Que cada um faça as suas próprias reflexões e, tendo a consciência como testemunha solitária, converse consigo mesmo sobre o mundo que quer para si e para os seus e, estabelecendo marcos de conduta e se colocando perante a história e [perante] o juízo de Deus, verifique se seus pensamentos, palavras e obras contribuem para tornar a vida melhor para todos, inclusive para aqueles que, ainda, estão por vir.

De qualquer forma, é mais do que evidente que a realidade circundante está longe de atender às expectativas por mais modestas que elas possam ser. Por outro lado, nunca é demais lembrar que, independentemente da posição individual de cada um, os artistas de modo geral e os escritores em particular são agentes subversivos por excelência, pois, ao exercer o seu talento, eles concorrem para alterar o status quo e, assim, voluntariamente ou não, terminam por produzir melhorias nos ambientes.

Sobre este ponto é sempre bom dizer que, independente da forma como o artista vê o mundo, as ameaças que pertur-

bam a sociedade - quizilas mais nítidas nos momentos de ataques à democracia, aos direitos sociais, à soberania nacional, ao crescimento econômico, à liberdade artística e de opinião, ao desenvolvimento científico e tecnológico, à felicidade e ao amor -, [estas ameaças] com maior ou menor intensidade, afetam a obra artística, a qual, à sua revelia [do autor], de alguma forma, incorpora uma espécie de inconsciente coletivo reformista e, inclusive pela omissão ou pelo contraste, passa a constituir elemento de resistência ao ódio, à pasma-ceira, à ignorância, ao egoísmo, à subserviência e às trevas. Assim, muitas vezes sem perceber e, mesmo, sem querer, os escritores (como, de modo geral, todos os artistas) atuam como porta-vozes das mudanças e de novo tempos. Afinal de contas, até quando não podem ou não querem mostrar e condenar a rudeza da realidade efetiva, os artistas criam mundos de sonhos que despertam vontades e apontam caminhos capazes de levar a humanidade a estágios similares ao paraíso que anima o imaginário coletivo, pleno de conforto e de felicidade. Não é à toa, portanto, que os artistas sejam sempre tão perseguidos pelos conservadores e reacionários de todos os tempos.

Minhas senhoras e meus senhores,

Por todos os motivos - especialmente porque, pouco importando a distância ainda por percorrer até a plenitude da paz, do amor e da fartura, os artistas exercem função fundamental na busca do melhor para todos (no mínimo mostrando como seria o mundo ideal e tentando abrandar o coração dos brutos, estes homens horrorosos, tomados por impulsos meramente materiais, que esquecem a alegria do viver e que tomam o rancor, a tristeza, o desamor, a dor, o desabrigo, a fome, a insegurança e a violência como situações aceitáveis - , vamos comemorar o dia daqueles que dão forma às letras, transformando informações, idéias e sonhos em textos prontos para fruição, melhorando a saúde cultural das pessoas, podendo reforçar a sua resistência [das pessoas] contra as manipulações da palavra e [podendo] elevar a sua capacidade de crítica, elementos essenciais para a consistência dos processos que levam ao bem estar coletivo.

Viva a arte!

Viva a cultura!

Viva o Dia Nacional do Escritor!

Muito obrigado.

(*) Alexandre Santos é presidente da União Brasileira de Escritores (UBE)